

## SOB O OLHAR DO OUTRO: ELES ANDAVAM NUS, AMAVAM DANÇAR, BEBER, RIR, ERAM FERIZES E ANTROPÓFAGOS

Neiza Teixeira\*

Lévi-Strauss, ao visitar o Brasil através de *Tristes tropiques*, lembra com certa consolação Jean de Léry, cuja obra *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil (1578)*, cognomina como a "obra-prima da literatura etnográfica". Ela está distanciada de nós quatro séculos; velo à luz no momento em que ainda não existia a Etnologia, portanto, dizer que podemos inscrevê-la neste grupo teórico seria um anacronismo. Porém, a sua leitura nos leva a repensar os nossos conceitos, obrigando-nos a fazer restrições ou ampliações e a tornar explícitas coisas que exigem que assim seja. Sem dúvida, qualquer estudioso pode considerá-la como uma importante ferramenta para a compreensão dos ameríndios, particularmente dos *Tupinambá*, do século XVI, período inicial da chegada dos europeus às terras que hoje constituem o Brasil.

Segundo Lévi-Strauss, aí, Léry nos faz reviver no presente e diante dos nossos olhos um espetáculo formidável. O seu livro nos conduz à descoberta da costa brasileira, à baía da "França Antártica", hoje da Guanabara; a fauna, a flora, os indígenas, nele, nada falta, pois tem a propriedade de apresentar coesos todos esses elementos e de nos oferecer um conjunto harmonioso do que viu naquela época. Além do mais, Léry presenteia-nos com a frescura do seu olhar, o que faz com que, ainda segundo Lévi-Strauss, seu livro seja encantador e sedutor. Por frescura do olhar, quer - se dizer, o mesmo que se passa em pintura com os impressionistas, ou seja, o poder de apreender na sua verdade os seres e as coisas, nesta apreensão ignorando ou rejeitando as convenções.

Quanto à metodologia utilizada por Léry, Lévi-Strauss nos diz que da obra *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* temos que fazer algumas observações, como acima já sugerimos: chama-lhe um "breviário de etnólogo", e mais adiante, diz tratar-se de uma "obra-prima da etnologia", afirmações que foram feitas em *Tristes tropiques*<sup>1</sup>, e que exigem de nós um certo cuidado, pois não podemos esquecer as circunstâncias em que esta obra impôs-se ao seu autor, atendendo a uma necessidade pontual, num momento vivido pela intelectualidade francesa, e pelos franceses de um modo geral. Também convém lembrar que no seu todo ela não é sistemática, estando o seu autor mais envolvido com suas lembranças, muito mais com a emoção do que com a racionalidade exigida pela elaboração teórica. Assim, consideramos que ela ocupa um lugar muito particular na produção teórica do seu autor, onde a memória e o prazer de uma boa narrativa muitas vezes tentam impor-se ao labor intelectual; a retórica tentando ultrapassar a sistematicidade dos diários de campo.

Considerando estas especificidades, podemos compreender qual a dimensão das afirmações de Lévi-Strauss e nelas considerarmos as afirmações de que: a) não é possível afirmar que Léry tivesse um diário de campo, a partir do qual, metodologicamente, ele visse e anotasse o que lhe davam a visão e o entendimento; b) apesar de não ser possível assinalar este recurso metodológico, comum a todos os etnólogos, ele não poderia ter sido mais moderno. A sua obra, apesar desta ausência, foi construída como uma monografia de um etnólogo, pois nela o meio, a vida material, a alimentação, a preparação dos alimentos, as relações de família, os casamentos, as crenças religiosas, todos, conjuntamente, são dados a conhecer. A coesão destes elementos dá-lhe a singular característica de uma monografia de etnologia.

---

\* Universidade do Amazonas, Manaus.

<sup>1</sup>Lévi-Strauss, *Tristes tropiques*, Paris : Plon.

Entretanto, se podemos afirmar com Lévi-Strauss a frescura do olhar de Léry, não podemos, e esta não é uma afirmação nem de Lévi-Strauss e nem nossa, dizer que esta frescura não é acompanhada de uma certa orientação, capaz de dar leveza e prazer à leitura de *Histoire d'un voyage fait en terre du Brésil*. Por exemplo, no capítulo VIII, quando trata "*Du naturel, force, stature, nudité, disposition et ornemens du corps, tant des hommes que des femmes sauvages Bresilliens, habitants en l'Amérique: entre lesquels j'ay fréquenté environ un an*", o autor afirma que começa sua descrição pelo principal, para proceder com ordem. O principal, que ele passa então a descrever são os *Toüoupinambaoults* -, sua estatura, forma física, apresentação, cuidados higiênicos, cor, etc. Deste modo, não podemos deixar de lembrar que um autor quinhentista ainda respira um ar fortemente medieval que, para ele, o novo é insólito, porém grandes mudanças se registram, das quais o lugar ocupado pelo homem é a abertura para uma nova cosmovisão. Portanto, a orientação metodológica tem lá suas raízes, mesmo evidenciando traços essencialmente novos.

Léry viveu o momento do Renascimento, momento de ebulição, mesmo sendo uma ebulição com gosto de passado, mas que neste não tem a sua morada. A sua precoce conversão à Reforma abriu-lhe possibilidades inusitadas, inclusive com a viagem à América, que passou a partir de então a ser referência nas suas análises sobre a Europa. Todavia, o conflito que esta viagem suscitou e que traduziu em plenitude no seu irreversível distanciamento do *outro*, para sempre norteou a sua vida, na forma de uma melancolia de um tempo original perdido, de uma infância da humanidade que sugeriu ter seu lugar na América. Por isso, talvez, possamos nele sentir a frescura do olhar atentada por Lévi-Strauss: presentes da sua juventude, do imaginário medieval, da sua crença religiosa, do seu humor aventureiro e do seu desprendimento.

Porém, uma pergunta nos invade: qual o estofo teórico deste autor, de quatro séculos atrás, que lhe permitiu construir esta monografia de etnografia ameríndia? Tentar responder a esta questão é chegar a um indivíduo fantástico, dotado de uma observação apurada e de um entendimento sofisticado muito especiais; e ao mesmo tempo, estigmatizado por um conflito interior que perpassa a sua obra e conduz a sua vida, naturais num homem fruto de um momento de transição.

Quando Jean de Léry partiu para o Brasil, ele tinha mais ou menos vinte anos. Exercia o ofício de sapateiro. Quando retornou à França tornou-se pastor. Após sua viagem, dezoito anos vão se passar para que dê a conhecimento público o que viu, ouviu e entendeu em terras ameríndias. No transcurso destes dezoito anos, Léry viu e viveu as guerras de Religião, as desordens em Lyon, em Charité-sur-Loire, o cerco de Sauserre – sobre o qual escreveu um livro. Este autor é produto de um momento de revolução da humanidade, de grandes transformações que levaram tanto aos descobrimentos (infinidade do mundo e conhecimento de povos desconhecidos) quanto a uma radical transformação interior do homem. Teoricamente, não vem de uma escola de pensamento, ou seja de uma Academia, e mesmo ligado a um credo religioso consegue viver o momento sublime da experiência, em que aquele que vê, vive e conta o que viu é privilegiado, e exaltado será aquele que não só conta, mas que tem sensibilidade para saber contar.

Bem, Léry soube contar, soube nos persuadir de que o que viu e ouviu era verdadeiro; a obra que nos legou é prazerosa e plena de valiosos interesses; temo-la diante dos nossos olhos, e muitos outros, grandes pensadores, talvez agraciados como o autor com um dote especial tiveram-na e fizeram a partir dela o conhecimento não deter sua marcha e se engrandecer: o que a torna tão especial? Lévy-Strauss diz que, para ele, dois elementos intervêm na sua consecução. Em primeiro lugar, existe nela uma revelação que provém do terreno. Isto significa dizer que Jean de Léry soube se maravilhar com as coisas que nunca vira anteriormente, ele, um europeu, como o filósofo que vê e se espanta e traduz este espanto na obra filosófica, traduziu a percepção da novidade, do inaudito, num "breviário etnológico".

Todavia, não foi só a observação que levou à produção desta obra. Quando Léry chegou ao Brasil, em 1557, portanto, cinquenta e sete anos após o desembarque de Cabral, aí já existiam os famosos "línguas", ou seja, intermediários entre os europeus e os indígenas, que assumiam o papel relevante de aprender a falar a língua dos nativos, para facilitar o processo colonizatório. Como sabemos, na frota de Cabral viajavam homens inteligentes, condenados na terra-mãe, para cumprir o objetivo de facilitar o conhecimento do lugar, permanecendo nas aldeias, convivendo com os povos encontrados, e assim, garantindo terras, povos e riquezas para os que tinham autoridade de, em nome das suas coroas, tomar posse de tudo quanto alcançassem<sup>2</sup>. Também vinte e sete anos podiam ser

<sup>2</sup> A *Carta* de Pêro Vaz de Caminha faz referência a este fato, quando Cabral decide, juntamente com o Conselho de sua armada, não enviar dois nativos para testemunhar a descoberta e aprender a língua da Coroa, e sim deixar dois desterrados, a fim de que cumprissem a missão, ficando em terras

contados, desde que Portugal procurava estabelecer-se no Novo Mundo, e realizava um massivo processo de colonização. Então, importantes informações foram dadas a Léry por homens e mulheres que trabalhavam na construção do que hoje chamamos Brasil e do seu povo, os brasileiros.

Como segundo elemento, Lévi-Strauss aponta o olhar de Léry, que, de fato, para quem o lê, é extraordinário. Com este olhar, ele conserva intacta a sua capacidade de ver, utilizando-a para controlar e filtrar o que diziam os seus intérpretes, que "sabiam enormemente das coisas, mas, necessariamente, não tinham preocupação com a verdade", conseqüentemente, Léry utiliza um critério que o faz afirmar e crer que o que divulga é verdadeiro, porque o seu olhar apreendeu com legitimidade o objeto.

Em 1578, Léry deu ao conhecimento público a obra que é uma descrição do que viu, ouviu e entendeu, durante a sua permanência em terras ameríndias. Uma obra gerada a partir da sua experiência, da sua observação, do que ouviu, e *a posteriori*, da comparação entre o povo ameríndio e a Europa do século XVI, ou seja, entre dois mundos que antagonizavam-se, e num dos quais o autor acreditou ter convivido com um povo na infância da humanidade, envolvido pela pureza de uma aurora há pouco surgida, portanto isenta de toda e qualquer corrupção, o que fez com que no decorrer da sua vida não pudesse fugir a uma melancolia resultante da reminiscência constante de uma terra "sem mal".

Pode se dizer também desta obra que ela pretendeu ser uma exposição do contacto direto entre sujeito e objeto, onde o sujeito acredita poder apreender o objeto completamente, e falar somente o que este lhe revela. Porém, seria ingenuidade dizer que o sujeito apreende o objeto na sua totalidade, como também que apreende a verdade em estado puro, ou, que Léry conheceu um povo que não tinha vivido a *queda*. Na verdade, podemos, distanciados cinco séculos deste autor, dizer que a terra que ele conheceu "sem máculas", sempre teve as que lhes são próprias, e que muito próximo do período em que viveu, muitos autores diriam tanto da terra quanto do povo que nela habitava o oposto de tudo o que ele crente de que era o verdadeiro, afirmou. Aliás, a sua obra pode mostrar, nela mesma, discursos que se contradizem, independentemente da vontade ou da ação consciente do autor, falamos do embate entre o cristão reformado e o homem aberto para uma mentalidade nova, mas impedido pelo seu credo, pelo espaço e pelo tempo em que se formou, de nela encontrar-se. O que nos leva a garantir que os códigos de valores diferentes delimitaram, sem possibilidades de adesão completa, as duas culturas; e também que, daquele povo do qual várias vezes, enquanto vivia os terrores das perseguições na Europa, ele desejou estar junto, já pouco resta, a sua previsão do fim próximo se concretizou, - aquele povo, definitivamente, estava perdido, não por determinação divina, mas por uma deliberação dos homens.

Léry viveu uma experiência inusitada, que o seu livro para ela não transporta. Um protestante vivendo entre antropófagos, homens e mulheres nus, rituais estranhíssimos e até chocantes. Ele não faz juízos de valores, não condena, porém, de tudo o que viu concluiu categoricamente que os indígenas estavam definitivamente perdidos e que não reencontrariam jamais sua humanidade. E aqui, um dado interessante da personalidade do autor: ele entende que não havia lugar para aquela gente no seu credo religioso, nem na sua sociedade, entretanto, isto não impede-o de maravilhar-se com ela, com seus hábitos insólitos, e não impede-o de estabelecer um paralelo entre os seus atos de barbárie e as atrocidades impetradas pela Europa aos protestantes, por exemplo, os que mancharam a França, como o massacre de 24 de agosto, e as violências em Paris, Lyon, Auxerre, dos quais diz serem mais terríveis do que os que ele havia presenciado entre os canibais.

Para chegar a esta conclusão, o autor traçou um caminho. Se foi a partir dos dois elementos apontados por Lévi-Strauss, algo mais seria necessário para a construção da obra de Léry, um tratamento que lhe permitisse atingir a forma acabada, o que é muito mais um trabalho intuitivo do que racional. Assim, somos levados a crer, juntamente com Lévi-Strauss, que ele inventa, improvisa. Como é possível que ele atinja tal desprendimento? A única resposta viável e concreta é que este autor consegue "entrar" na pele dos indígenas, num jogo de simpatia, ele se lança para a compreensão dos selvagens.

Isto garante à sua obra um caráter único, como relembra Lévi-Strauss, alguns autores do século XVI foram privilegiados com a frescura do olhar, que atravessa e permite a obra de Léry, como por exemplo Montaigne e Rabelais, mas que esta logo se dissiparia, pois não se fez mais presente em outros autores e nem em outros tempos.

---

ameríndias, de aprenderem a língua e os costumes destes povos. *La découverte du Brésil (Les premiers témoignages choisis & présentés par Ilda Mendes dos Santos (1500-1530)*, Livre publié avec le concours de la Commission nationale portugaise pour la commémoration des découvertes et de l'Institut Camões (Lisbonne), Paris : Éditions Chandeigne, 2000.

O encantamento que envolve a obra, muito mais poético do que teórico leva Lévi-Strauss, mesmo reconhecendo o valor da obra de Léry como uma importante ferramenta de compreensão do povo com o qual este conviveu mais ou menos um ano, na metade do século XVI, a sugerir que a sua obra seja lida pelo grande público como uma obra de literatura e um romance de aventuras.

Fizemos de início uma exposição de algumas das idéias de Lévi-Strauss<sup>3</sup> a respeito da obra *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil (1578)*, de Jean de Léry, com o intuito de tomá-las como ponto de partida para o desenvolvimento do tema *Sob o olhar do outro: eles andavam nus, amavam dançar, beber, rir, eram ferozes e antropófagos*, que se propõe a ser uma "leitura" da obra de Léry. Entretanto, pensamos que podemos complementá-las com algumas observações, a partir do Prefácio de Frank Lestringant - *Léry ou le rire de l'indien*<sup>4</sup> -, o que nos pode garantir, com efeito, um eficiente ponto de partida para encaminharmos a descrição do que chamamos "leitura descritiva".

Talvez, nenhum povo dos que temos conhecimento, amasse tanto o riso. Este é um dado que toda a literatura etnológica pode confirmar, assim como as crônicas de viagens, ou a correspondência de colonos, as *Cartas jesuíticas*, etc. Podemos de uma maneira muito particular afirmar que andar nu, cantar, beber, rir são traços essenciais dos ameríndios, melhor dizendo, do *outro*. Léry não deixa margens ou dúvidas quanto ao homem sobre o qual fala: *Toùoupinambauults*, assim se chamam os indígenas com os quais conviveu em metade do século XVI. Porém, podemos alargar os caracteres específicos destes e alcançar, resguardando as peculiaridades, os *Tupiniquins*, *Caetés*, *Araras*, e outros que habitavam a *Terra dos Papagaios*. Todavia, se acompanhamos o autor, ele cobra uma postura mais reservada.

O *outro*, descrito por Léry, não permite que se fale dele indistintamente, no mesmo tanto, a literatura pode comprovar que o *outro* daquele *outro*, também, era muito preciso: o *Europeu* – o *outro* é aquele que não sou eu, que não compartilha comigo a mesma cultura, a mesma língua, a mesma crença, enfim, um estranho. Para o europeu, o *outro* é aquele que anda nu, que é antropófago, que tem estranhas crenças, que é cultuador infantil do *maracá*; para o *Tupinambá*, o *outro* é aquele que "come o seu pão no seu saco". Estes encontram-se num solo comum e acirram diferenças irreduzíveis. Aparentemente, o nativo tem maior desenvoltura e total liberdade, mas, em última instância, isto não passa de aparência, pois tanto um quanto outro perderam a segurança proporcionada pela intimidade que pode um lugar conhecido oferecer: o europeu sabe que a terra em que pisa é estrangeira; o nativo sente que o seu chão foge sob seus pés, deixando um inexorável abismo<sup>5</sup>.

Daí, duas culturas prontas a fundirem-se ou não, encontram-se abertas para um vir-a-ser, que foge a qualquer projeto, a qualquer previsão ou profecia. São ensaiadas formas de sujeição, de domínio, de defesa, de destruição, de alianças, em que nada sai imune, em que o vencedor não sai de forma nenhuma puro; consequentemente, nasce um Brasil miscigenado, matizado de branco, de negro e de amarelo, e, ainda de outras cores que não existiam e que passaram a existir, após estes encontros iniciais, nos cafusos, nos mulatos, nos caboclos; e nas instituições, nos pensares que não fogem a este novo florescimento, absolutamente *sui generis*, grande e belo, somente possível na terra Brasil; mas também sofrido, às vezes inexplicável, porque não totalmente conhecido – uma mistura, hoje, de Zona Norte e Zona Sul, Carnaval, Football, Boi-Bumbá, São Paulo e sertão, tecnologia de ponta e prática agrícola que remonta ao século XVI, Nossa Senhora e Iemanjá.

Deste choque inicial, costuma-se dizer que o resultado culminou com a vitória do europeu, ou seja, do mais forte, do mais desenvolvido, do que possuía uma técnica muito mais avançada, ou da concretização de uma profecia, como acreditava Colón, como acreditavam os portugueses, sem embargo, nós nos perguntamos se não estamos sendo simplórios nos contentando apenas com isso; talvez seja necessário um outro olhar sobre este acontecimento.

Não há dúvida que somente uma miríade de descobertas científicas, uma transformação interior do homem, por conseguinte, um novo pensar, um novo olhar e novas necessidades, que levaram a um conjunto de revoluções,

<sup>3</sup> Estas idéias são recolhidas em entrevista concedida por Lévi-Strauss a Dominique-Antoine Grisoni, e precedem a obra de Jean de Léry.

<sup>4</sup> Frank Lestringant é professor de Literatura Francesa da Renascença, na Universidade de Charles-de-Gaulle de Lille, é hoje um dos maiores especialistas da literatura das Grandes Descobertas. O Prefácio *Léry ou le rire de l'indien* encontra-se na obra *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil (1578)*, Texte établi, présenté et annoté par Frank Lestringant, précédé d'un entretien avec Claude Lévi-Strauss, Paris: Le Livre de Poche, 2ª Edição, 1580.

<sup>5</sup> Todorov, em *La conquete de l'Amérique: la question de l'autre* mostra o comportamento dos povos encontrados pelos espanhóis na América, que pode comprovar esta afirmação -, de repente, a Natureza e os Deuses silenciam, deixando de emitir os seus sinais, e permitindo que aqueles povos, desamparados, caiam em desgraça.

poderiam conduzir os barcos de Colón, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães, Vespuccio, Cabral e muitos outros conhecidos e anônimos às grandes descobertas, entretanto, esta é uma ambição de uma cultura que procurava outros caminhos que, empurrada por uma força interior, se lançava para fora do seu mundo em busca de algo que próximo a si não encontrava, e ainda, do que é mais palpável, de uma cultura que acreditava no valor dos bens materiais, que se apegava às riquezas para o encontro de uma satisfação interior.

Do mesmo modo, não há dúvida de que ao atravessar o oceano Atlântico o europeu encontrou um povo do qual acreditou estar na infância da humanidade, pois sua pureza era inacreditável; acreditou não ter vivido a Idade dos Metais, porque não conhecia o ferro; acreditou não ter vivido a *queda*, pois sua nudez não tinha o peso da vergonha e do pecado; e ainda, de um irreversível atraso, porque foram desprezados o seu pensar, a sua crença, o seu sentir. E também, não há dúvida que, após a descoberta da América, tanto a nível do conhecimento científico quanto do conhecimento do homem muitas crenças foram destruídas, muitos dogmas foram abalados, novas ciências surgiram, e pensamos, mais distante da Terra o homem foi ficando, pois o Éden Terrestre não foi encontrado, toda a humanidade foi conhecida, novos mapas foram traçados, e o homem, entregue a si mesmo recolheu-se ao seu abandono.

De qualquer modo, este abismo inexorável é suficiente para mostrar que seria impossível daí resultar uma vitória absoluta de um ou de outro povo. Quando nos aproximamos deste momento, particular na história dos europeus e dos ameríndios, torna-se transparente que afirmar a vitória de um e a derrota de outro não é algo tão simples quanto parece, pois trata-se de um acontecimento num dado momento do tempo, numa precisa dimensão do espaço entre duas culturas movidas por interesses e necessidades reconhecidamente distintas. Aliás, se considerarmos os dois povos neles-mesmos, é possível afirmar que as necessidades de um são conhecidas, ou é possível conjecturá-las, entretanto, as de outro não podemos afirmá-las e nem mesmo dizer que ressentia-se de algo exterior a ele próprio.

Todavia, se daí não saíram vencedores absolutos, saíram “meio-vencedores”, no caso falamos dos europeus que impuseram sua língua, suas instituições, sua religião, o seu pensar, apesar de toda a resistência possível aos indígenas ameríndios. E para isto, só poderiam ter contado com a sua sutileza, com o poder das suas armas e com a sua ganância – instrumentos e sentimentos, nesta relação, conhecidos apenas pelos europeus<sup>6</sup>. Mas, mesmo impondo tudo o que é fundamental à vida ocidental aos indígenas, os europeus não saíram inteiramente vencedores, porque daquele chão, daquela gente em estado “selvagem” a nova construção veio impregnada.

Para que assim tivesse acontecido, a maneira como se desenvolvia a vida social, material e afetiva dos ameríndios muito contribuiu, ou contribuiu de forma definitiva: se os indígenas tinham seus inimigos diretos, as tribos com as quais disputavam o terreno para a caça, os alimentos que a terra oferecia, ou que se fizeram seus inimigos viscerais desde sempre, o mesmo não se pode afirmar dos europeus; destes eram inimigos todos os que se interpunham entre estes e os seus objetivos: os lucros obtidos através da recolha do pau-brasil, da produção da lavoura canavieira, da exploração do ouro, por exemplo, e também do trabalho de evangelização. Todavia, a terra desconhecida e os objetivos precisos faziam suas exigências, e assim, era necessário um jogo de alianças entre europeus e indígenas, que por sua vez nomeavam a que tribo era exigido combater como inimiga – disto é testemunho inegável tanto a obra de Léry quanto a de Hans Staden, o primeiro aliado dos Tupinambás, e o segundo, prisioneiro da mesma tribo (pois foi confundido com um português), inimigos inveterados dos portugueses e dos Tupiniquins. E da parte dos selvagens, era vista a possibilidade de um reforço para vencer o inimigo, como também de adquirir as novidades que chegavam nos navios dos europeus.

Juntamente com as novidades, que ocuparam um lugar fundamental, pois tornaram-se essenciais na quotidianidade desses povos, fazendo parte até mesmo dos seus adereços, o poder de destruição também é acrescido: não há dúvida de que a constância das guerras é criada<sup>7</sup> e com um grau maior de morte e de destruição, tendo em vista que novas armas foram empregadas e novas estratégias de guerra postas em prática.

<sup>6</sup> Os selvagens brasileiros viviam em guerras desde sempre, os Tupinambá eram inimigos dos Tupiniquin e duas vezes por ano planejavam um ataque em suas aldeias, uma para pescar e outra para colher o *abati*, também tinham um conjunto de técnicas de guerra que envolvia até mesmo os sonhos dos guerreiros e as previsões dos pajés ou dos Caralibes, entretanto, esta era a realidade de suas vidas, e tinha até mesmo a função de manter o equilíbrio entre estes povos. Cf. Jorge Couto, *A construção do Brasil (Ameríndios, portugueses e africanos, do início do povoamento a finais de quinhentos)*, Cosmos História, 11, Lisboa: Edições Cosmos, 1995; Hans Staden, *Nus, Féroces et anthropophages*, Paris: A. M. Métailié, 1979; Gabriel Soares, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, dentre outros.

<sup>7</sup> Podemos ver nas obras que se reportam ao período que estamos falando a referência às guerras entre as nações ameríndias. Estas como que faziam parte de um calendário pré-elaborado e envolvia um grande preparativo, evocando até mesmo o sobrenatural.

O ódio que os indígenas nutriam pelas tribos rivais foi alimentado pelos europeus como uma tática para obter o poder sobre a terra, sobre o que ela produzia espontaneamente, sobre o que poderia ser cultivado e sobre o homem que nela se tinha gerado, além de ser uma forma de aumentar o seu poder na Europa com os impérios construídos fora dela. Mas, não podemos reduzir as pretensões dos europeus apenas à sua ganância pelos bens materiais, muito embora estes tenham sufocado os interesses de Colón, de Villegagnon ou do Infante Dom Henrique. É prova disto o nome do país Brasil, que substituiu o nome cristão dado anteriormente, ainda no início do século XVI.

A guerra, o ódio foram utilizados como meios de detenção do poder, justamente porque os europeus se deram conta da veracidade do aforismo de Heráclito "a guerra é a mãe de todas as coisas", do acirramento das contradições foi gerado o movimento que levou ao nascimento de um novo chão; da morte para a vida nasceu o povo brasileiro.

Muitas das facetas deste povo são oriundas dos seus ancestrais barulhentos, que utilizavam os gritos como arma de guerra; antropófagos, findar no estômago do inimigo era uma honra, e a vingança, força motriz da sua continuidade, era dada como elemento cultural; mas, que amavam o riso, muitas vezes sinistro, ou como o entende Léry, diabólico, quando exibiam como troféu a cabeça de um inimigo há pouco devorado, mas também inocente, como demonstra seu comportamento em muitas situações.

Léry dá um testemunho da propensão do povo Tupinambá para o riso, a dança e a *caouinagem*, ou seja, a bebedeira produzida pela ingestão do *caouim*, obtido da fruta *abati*. Este comportamento, comum aos indígenas de todas as aldeias por onde passou este observador, era de tal modo evidente que ele afirma que aquele era um povo "fugitivo da melancolia". Não só era fugitivo da melancolia, como também chegava a odiar os taciturnos, os avarentos e os melancólicos. A arte de viver canibal, segundo este, poderia ser vista como uma "certa satisfação profunda de espírito, em desprezo das coisas fortuitas". Aqui detectamos um dos marcos entre as duas culturas: de um lado, a alegria, a cultura do riso e do desapego; de outro, como o quer a obra de Léry, a cultura da amargura, do apego, da disputa pelo poder e pela sujeição do outro, da Europa do século XVI<sup>8</sup>, que terá o desenlace final no século XVII, inclusive com a determinação de uma nova idade, a Idade Clássica.

É óbvio que conhecer a última parte que faltava ser conhecida pela humanidade de si mesmo fez vir à tona enormes problemas, por exemplo, as grandes discussões travadas em Espanha sobre a natureza e a caracterização do continente americano, direito à colonização ou domínio político das novas terras descobertas, legitimação moral -, se houvesse -, da conquista, a natureza e os direitos dos indígenas americanos, etc. Além das questões sobre a imortalidade da alma, a eucaristia, a humanidade ou não dos ameríndios, a existência do diabo, que foram transportadas da Europa para as terras da costa brasileira, e que fizeram, também, a trajetória inversa.

Nas grandes discussões sobre a humanidade ou não dos ameríndios, o riso apresenta-se como um elemento de afirmação, pois o riso é próprio da humanidade, logo, se os Tupinambás riem é porque eles são humanos. Entretanto, se eles cultivam a cultura do riso, de quem eles riem? Quanto a isto, a obra de Léry realiza uma inversão: nela, o ameríndio Tupinambá tornou-se sujeito e objeto do riso. Sem menosprezar-se ele ri de si mesmo.

Quem são estes Tupinambás sujeito e objeto do seu próprio riso? Estes são aqueles que Léry chama *Toupinabaoultis*, entre os quais conviveu amigavelmente cerca de um ano, e que descreveu-os assim:

*"eles não são maiores, nem mais gordos, ou menores de estatura do que os europeus; seus corpos não são nem monstruosos, nem prodigiosos ao nosso olhar: entretanto, eles são mais fortes, mais robustos e cheios, mais dispostos, menos sujeitos às doenças; e, mesmo, talvez, entre eles não existem mancos, zanolhos, disformes, nem enfeitados. Mais, eles chegam à idade de cem ou cento e vinte anos, e poucos há entre eles que, na sua velhice, têm os cabelos brancos ou grisalhos<sup>9</sup>.*

<sup>8</sup> Alexandre Koyré nos diz que, o homem do século XVII, viveu uma crise, pois perdeu seu lugar no mundo, ou, quiçá, mais exatamente, perdeu o próprio mundo em que vivia e sobre o qual pensava, vendo-se obrigado a transformar e a substituir não só os seus conceitos e atributos fundamentais, e inclusive o próprio marco do seu pensamento. Alexandre Koyré, *Del mundo cerrado al universo infinito*, Siglo Veintiuno Editores, S.A., 1979. Esta crise que acirrou-se neste século, é resultado de uma revolução iniciada nos séculos anteriores. Do mesmo modo, Michel Foucault vê o século XVII como o século que marca uma das grandes descontinuidades na *épistémé* ocidental. Michel Foucault, *Les mots et les choses (une archéologie des sciences humaines)*, Collection Tel, Paris: Gallimard, 1966. A grande transformação que se verifica em meados deste século, que inaugura a idade clássica tem como uma das motivações a descoberta do Novo Mundo.

<sup>9</sup> Jean de Léry, capítulo VIII : *Du naturel, force, stature, nudité, disposition et ornements du corps, tant des hommes, que des femmes sauvages Bresiliens, habitants en l'Amérique : entre lesquels j'ay fréquenté environ un an*, pág. 211.

Seguindo a tradição medieval, Léry atribui a longevidade destes homens ao conhecimento da Fonte da Juventude, cuja água todos bebem, e também, conforme constata a observação, ao bom ar e à boa temperatura do país, cuja riqueza e variedade da flora é um exemplo, e com a mesma carga ao desapego das coisas do mundo. Aqui, Léry, como tem sido recorrente na sua obra, faz uma comparação entre estes e os europeus, chegando à conclusão de que o ocidental, vitimado pela desconfiança, pela avareza, que dela procede, pelos processos e pelas desavenças, pela inveja e ambição que corroem os ossos e sugam a moela, estão pré-destinados a morrer rapidamente, enquanto os ameríndios têm vida longa, porque nada disto os atormenta e os apaixona.

Quanto à cor deste povo, contrariamente ao que se pensava, eles não são negros, porém morenos<sup>10</sup>. Esta constatação surpreende Léry, como anteriormente havia surpreendido Colón, pois era esperado que, se existissem habitantes nas latitudes tropicais e vizinhas da zona tórrida, eles deveriam ser negros, devido ao grande calor. Portanto, mais uma crença européia abaiada, com a descoberta do Novo Mundo.

Dos seus hábitos, um dos que mais chamou a atenção de todos os europeus que fizeram o registro deste povo, foi o de se apresentarem nus tanto homens quanto mulheres e crianças e, não só o fato de não esconderem nenhuma parte de seus corpos, mas, o de não mostrarem qualquer pudor ou de sentirem vergonha, permanecendo costumeiramente nus como saíram do ventre de suas mães<sup>11</sup>. Descrevendo com maior proximidade seus corpos, Léry desfaz uma falsa informação que dava conta de que estes eram peludos, ou que eram completamente desprovidos de pêlos, ao contrário, é habitual, quando estes começam a apresentar-se na superfície do corpo, eles os arrancam todos, dando a entender ao observador não muito cuidadoso que não tinham barba, cílios ou sobrancelhas, inclusive, para Léry, o fato de retirarem as sobrancelhas, os cílios é o que lhes dava a impressão de serem vesgos, terem um olhar alucinado e selvagem<sup>12</sup>.

A retirada dos pêlos fazia parte da higiene dos ameríndios, no mesmo tanto que o cuidado com os cabelos era cultivado desde a infância, consignando-lhes uma aparência única, conforme podemos verificar nos desenhos e descrições da época<sup>13</sup>.

O membro viril também recebia uma especial atenção: os mais velhos prendiam sobre o mesmo duas folhas de uma erva especial, ligadas com um fio de algodão. Após a chegada dos europeus, passaram a usar, para este fim, os lenços que ganhavam de presente. Léry, ao fazer sua consideração sobre este cuidado, mostra uma visão puritana e preconceituosa do mesmo, afirmando tratar-se de uma réstia de pudor natural, dado que este tinha a opinião de que o estojo peniano servia para esconder alguma enfermidade que eles poderiam ter à chegada da velhice.

Também compo a figura estética do Tupinambá, na adolescência tinham o costume de furar o lábio inferior, para nele colocar um osso branco, que atravessava-o e ficava exposto cerca de dois dedos. Este osso era removível sendo retirado ou recolocado, conforme era do seu agrado. Na fase adulta, o osso era substituído por uma pedra verde, e muitos deles ainda usavam este mesmo tipo de pedra nas bochechas. É interessante observar, quanto à personalidade de Léry que, quando descreve estes estranhos gostos do Tupinambá ele entrega ao leitor a responsabilidade de julgar se esta composição deixava-os disformes ou não.

Estas referências às descrições de Léry, dão-nos em sua transparência o gosto estético dos indígenas brasileiros, a beleza marca, como muitos outros elementos, características singulares neste espaço, por exemplo, é tido como belo o nariz chato, por isso, quando as crianças nascem têm o nariz achatado e enterrado pelas suas mães.

E, ainda fazendo parte desta outra concepção de beleza, os indígenas matizavam seu corpo, frequentemente, com diversas pinturas e cores; mas, sobretudo, enegreciam muito bem as pernas e as coxas com o suco de uma fruta chamado *jenipapo*<sup>14</sup>. Na compreensão do autor, as pinturas têm o caráter único de deixarem seus portadores belos, a descoberta ou o entendimento de que estas são portadoras de uma linguagem é posterior. As pinturas são emolduradas com os trançados feitos de ossos bem unidos, muito brancos, chamados *Y-aci*, nome da Lua que compõem o conjunto dos adereços dos *Tupinambá*.

<sup>10</sup> Esta é uma constatação que também surpreende Colón.

<sup>11</sup> Lestrigant diz que a fórmula "assim nus com saíram do ventre de suas mães" é tópica. Ela pode encontrar-se tanto nos escritos de Thevet, como na *Carta* de Caminha, nas *Viajes* de Colón, por exemplo.

<sup>12</sup> Thevet também manifestou-se contrário a esta afirmação que ganhou fama na Europa.

<sup>13</sup> Esta imagem peculiar aos Tupinambás pode ser conferida em *Famille Tupinamba à l'ananas*. Jean de Léry, *Histoire d'un voyage*, ch. VIII. Nas obras de Gabriel Soares de Souza, Cristóbal Colón, Pêro Vaz de Caminha, por exemplo.

<sup>14</sup> As pinturas, uma linguagem corporal entre os indígenas, é um dos elementos que chamou a atenção de todos os descobridores. Cf. *Carta* de Caminha, *Viajes* de Colón, etc.

Os colares de contas também eram usados. A sua confecção tomava-lhes longo tempo e muita dedicação. Eram chamados *Boü-re*, e substituíam as correntes de ouro utilizadas na Europa. O corpo era coberto com penas de aves, tingidas com o pau-brasil e coladas com uma goma própria para tal. Este hábito é o que, na opinião de Léry, deu lugar à crença de que os ameríndios brasileiros eram cobertos de pêlos.

Na sua descrição etnológica, o autor nos fala do *Yempenambi*, um ornamento de cabeça, confeccionado com penas de asas de pássaros encarnados, vermelhos e de outras cores, e segundo sua intuição, as damas de França e de demais lugares de Europa passaram a utilizar penteados, cuja inspiração buscaram neste adereço ameríndio.

De uma maneira geral, são estes os adereços quotidianos dos ameríndios, e para completar o quadro, Léry faz referência aos ornamentos envergados em situações de guerra e de realização dos rituais antropofágicos. Os mesmos são feitos de penas coloridas, muito bem trabalhados e de uma extraordinária beleza, que na opinião do autor não deixa nada a desejar às confecções européias.

Dentre estes dá-se um destaque para o *Araroye*, confeccionado com penas de *casoans*, preso aos rins nas ocasiões de guerra, utilizado com o intuito de mostrarem sua valentia. Assim, Léry não deixa de referir-se à poeira que espalham, quando querem mostrar valentia, e sobretudo, quando matavam seus inimigos, e massacravam os prisioneiros para comer.

Todos estes cuidados são ordinários entre os Tupinambás. Léry afirma que saltar, beber e *caouinnar*, era, talvez, o seu único trabalho<sup>15</sup>. Nestes momentos que são constantes, além do canto, cujo principal instrumento é a voz, eles usam algumas coisas para "acordar o espírito". Estas coisas são um instrumento, feito de um fruto com a forma de uma castanha d'água, de casca muito firme, bem seca, de um núcleo oco, onde põem pequenas pedras, juntando muitas, para fazer tornozeleira. Sua função é marcar o ritmo, enquanto os índios cadenciadamente dançam e cantam.

Tão importante quanto todos os demais adereços e instrumentos dos Tupinambás, Léry destaca um que desempenha a função de ser o seu objeto de culto, trata-se do *Maracá*<sup>16</sup>, instrumento feito de um fruto redondo, no qual os indígenas fazem um furo no meio e dentro colocam pequenas pedras redondas, ou grãos de milho, espetam no furo um bastão, que faz muito barulho, eles têm-no, normalmente, nas mãos. É enfeitado com belas plumas.

Esta era a maneira como se apresentavam ao olhar os Tupinambás, maneira que, imediatamente, os europeus tentaram sujeitar aos seus hábitos e costumes, e que, de início, não incomodou muito os ameríndios, pois ávidos de novidades e sem a submissão imediata dos outros povos vizinhos a eles, falamos do comportamento dos ameríndios encontrados por Colón, que acreditaram, conforme os registros deste viajante, os espanhóis serem deuses, aceitavam as roupas coloridas que chegavam nos navios franceses. Léry mostra o divertimento com que os ameríndios punham sobre seus corpos os presentes que lhes eram oferecidos: os navios chegavam carregados de lãs coloridas, que trocavam com todas as coisas que os indígenas lhes ofereciam. Então eles vestiam somente os calções à moda dos marinheiros; outros, ao contrário, vestiam saias, que lhes vinham até às pernas, ou então tiravam essas roupas e deixavam em suas casas, vestindo-as somente quando dava-lhes vontade; o mesmo faziam com as camisas e com os chapéus.

Quanto às mulheres, sua apresentação era um tanto diferente da dos homens, entretanto não deixava de também ser exuberante. Elas usavam pendentes nas orelhas, que, segundo Léry, vistas de longe pareciam cães de caça, com orelhas arriadas de um e outro lado da face. Estes pendentes eram feitos de uma concha grossa, chamada *Vignol*, branca, redonda e também longa como meia vela de sebo. Além desses pendentes, as pinturas faciais faziam parte da composição estética das mulheres<sup>17</sup>.

Também elas usavam braceletes, feitos de peças de osso branco, cortado e talhado em forma de escamas de peixe, que são juntados e colados com uma cola, fabricada por elas próprias. É o que chamavam *Boüre*. Para o mesmo efeito, são utilizadas pedras de vidro amarelo, azuis, verdes e de outra cores, enfileirados. É o que eles chamam *Maouroubi*.

<sup>15</sup> Da mesma forma Montaigne faz esta afirmação, não sem ter sido influenciado pelas informações de Léry, pois como sabemos este filósofo teve conhecimento das mesmas.

<sup>16</sup> O *Maracá* é um instrumento não só de música, mas é, também, um objeto de culto e atributo dos xamãs. Ele é a habitação dos espíritos, que falam através da voz do xamã, sendo este o encarregado de interpretar o oráculo em linguagem clara.

<sup>17</sup> As pinturas faciais dos ameríndios mereceram longas descrições dos primeiros viajantes. É de destacar-se, no caso brasileiro a *Carta de Caminha*, no caso das terras descobertas pelos espanhóis, as *Viajes de Colón*, e mais outros documentos da época, in Cristóbal Colón, *Los cuatro viajes, Testamento*, Edición de Consuelo Varela, Madrid: Alianza Editorial, 1996.



Como dissemos acima, as novidades européias assumiram um lugar muito importante entre os *Tupinambá*, tanto que, segundo Léry, eles davam qualquer coisa por pedaços de vidro, seguiam os franceses adulando-os e bajulando-os para ter alguns, e com isso foram adquirindo necessidades que serviram para tornar a sua sujeição mais fácil.

Léry se mostra maravilhado com tudo o que observou entre as mulheres ameríndias. Porém, nada o deixou mais admirado do que a resolução destas de não vestirem as roupas que os franceses lhes davam. Como pretexto, para justificar este comportamento, elas alegavam o hábito de banharem-se muitas vezes durante o dia nas fontes e rios, chegando a tomar banho doze vezes por dia. Léry pergunta-se e lança a mesma pergunta para nós: Não será esta uma boa razão? Tanto homens quanto mulheres foram resolutos na sua decisão de se manterem nus, nada podendo se fazer para que eles mudassem de opinião.

Nuas, com os cabelos compridos, soltos até à cintura, assim se moviam pelas selvas as ameríndias. Tinham o cuidado de lavar cuidadosamente os cabelos, e algumas vezes prendiam-nos com uma corda tingida de vermelho, da tintura do pau-brasil.

Léry fez um enorme esforço para descrever os povos que viu, todavia foi humilde ao afirmar que nem a escrita e nem a pintura eram capazes de revelar aqueles que teve diante dos seus olhos, de tão diversos que eram.<sup>18</sup>

A nudez dos ameríndios foi muito discutida na Europa, inclusive se a nudez das mulheres não era um convite à libertinagem, à devassidão, quanto a isto Léry diz que mesmo sendo as ameríndias de uma extraordinária beleza, não era de modo nenhum assim que deveriam ser vistas, inclusive, não se poderia aplicar a punição da Escritura a estes povos, pois aquela era uma nudez sem vergonha, desprovida do sentimento que acompanhou a queda.

De uma maneira geral, é esta a descrição que Léry faz dos Tupinambás. Este é o povo que a Europa encontrou, no século XVI, numa parte do continente americano. Um povo que tinha como vida ordinária a dança, o canto, o riso, a bebedeira, a vida como prolongamento das selvas, dos rios, do presente e do transcendente.

Como já dissemos anteriormente, a obra de Léry é operadora de uma inversão: nela o indígena se torna sujeito e objeto do seu próprio riso. Ele que, anteriormente era o objeto do riso do europeu, passou a ter autonomia diante de si mesmo. Entretanto, ele tem aquele que provoca o seu riso, no caso da obra de Léry, o objeto do riso é o *Margajá*, inimigo inveterado do *Toupinambaout*, por sua vez inimigo dos franceses.

Portanto, é sobre o peso da aliança da amizade que Léry mostrou o riso do ameríndio. Todavia, a cumplicidade instaurada entre os europeus (franceses) e os indígenas aliados não é absoluta nem totalmente inocente. Ela somente é possível com uma determinada categoria de índios – aqueles que aceitam ser tutelados pelos franceses e que aceitam escutar o anúncio da sua religião. Pelo contrário, quaisquer outros que não aceitassem estas condições estavam excluídos desta relação, e eram condenados por isso. Por outro lado, o elogio que é feito aos índios serviu para vituperar por contraste o luxo da indumentária dos elegantes e “açucarados” europeus, da famosa “superfluidade de hábitos”. Por estes motivos, o riso exposto na obra deste autor, segundo o olhar de Lestrigrant, é um instrumento através do qual se realiza a exclusão.

Todavia, Lestrigrant aponta como originalidade deste riso, o que chama sua “configuração à geometria variável”. Isto implica em dizer que seu objetivo varia segundo as inflexões do discurso. A mais frequente consiste em criticar a sociedade européia vista como “bárbara” por interposição. Este procedimento corresponde ao que Roger Caillóis chama “revolução sociológica” – o olhar do outro sobre si permite estabelecer uma distância crítica. Isto autoriza um desvio irônico: o familiar se torna de um só golpe estranho, o costume sacrosanto se descobre absurdo ou escandaloso<sup>19</sup>.

Da mesma forma, escandaloso e mostrador deste desvio, é o diálogo entre Léry e um ancião *Tupinambá* em que este último mostra a loucura dos franceses que se arriscavam, na travessia dos mares, para comercializar o pau-brasil e acumular riquezas<sup>20</sup>, que após a sua morte serviriam para assegurar a sobrevivência dos seus filhos ou parentes. O diálogo entre ambos mostra a confiança do *Tupinambá* na fertilidade da terra e não na Providência

<sup>18</sup> A mesma impotência sentiu Colón, quando num êxtase crescente descreve a terra, a fauna, a flora, os ares e os homens que encontrou, justificando sempre e pedindo que os seus leitores acreditassem no que dizia, pois nada mais era do que o que via diante de si. Cristóbal Colón, op. cit.

<sup>19</sup> Léry dá-nos um exemplo quando afirma que toda a indumentária das mulheres européias causa mais mal estar que a nudez das mulheres selvagens, Léry, op. Cit., pág. 234.

<sup>20</sup> Após falar da loucura que é acumular riquezas para deixar aos filhos ou parentes, o ancião diz a Léry que ele mesmo, como todos os demais da sua tribo, têm parentes e filhos que muito amam, mas, porque eles estão seguros de que a terra que os alimenta, após a sua morte continuará alimentando os seus filhos e parentes, eles não precisam fazer o que fazem os franceses. Léry, op., cit., 234.

Divina. Esta postura pagã serve como argumento para Léry condenar os maus cristãos, que abundam no seu país, e ao mesmo tempo, para condenar o apego aos bens materiais, uma das distinções mais pontuadas por Léry entre os europeus e os ameríndios. E, para concluir esta conversação, em forma de profecia, Léry retoma Gomara, quando registrou suas observações sobre uma certa nação de selvagens, habitantes do Peru; quando no início, momento em que os espanhóis começaram a rondar as suas terras, não querendo recebê-los, eles chamavam: “Espuma do mar, gente sem pais, homens sem sossego, que não se podem fixar em nenhum lugar para cultivar a terra, a fim de ter o que comer”<sup>21</sup>. A conversação entre o autor e o ancião é porta-voz da sua impressão sobre o Mercantilismo, através desta ele manifesta a sua insatisfação, e faz elogio aos selvagens. Para ele, estes é um absurdo, tanto para o europeu que, acumulando riquezas não evita a morte, não liquida a pobreza e ainda o que acumulou para filhos e parentes ingratos.

Lestrigant ouve por trás das palavras do ancião a voz do moralista pastor, pois as afirmações do discurso Tupinambá não se devem à sociedade indígena que desconhecia a noção de patrimônio, do mesmo modo, a atividade agrária nestas sociedades estava associada a um modo de vida semi-nômade.

Entretanto, o riso *Tupinambá* vai além da crítica e da ironia, atingindo mesmo a familiaridade, a intimidade do observador – ele torna-se revelador de um dilaceramento profundo. Ele força o observador a ultrapassar o estreito moralismo paradoxal, ele tende a desafiar as censuras mais interiorizadas, a vencer os tabus mais solidamente cerrados. Por exemplo, o canibalismo, que é um tema recorrente na obra de Léry, onde os indígenas infringem a lei alimentar entre os risos dos convivas, leva a um olhar distanciado sobre si mesmo. Léry chega a considerar menos desculpável o procedimento dos negociantes que, segundo suas palavras, sugam o sangue e comem a moela do próximo, do que a cruel atitude de vingança, que se prende exclusivamente à carne do inimigo, de preferência um guerreiro macho, na força da idade. A voracidade dos usurários, que comem todos as viúvas, os órfãos e pobres miseráveis, não tem limites, ele têm estes pobres coitados de acordo com os seus interesses.

Desta forma, Léry tende a fazer um processo de aceitação, e ao mesmo tempo de entendimento do canibalismo: este manifesta-se em todos os lugares e não unicamente de uma maneira. Da parte dos indígenas claro, transparente, e da parte dos usurários e padres, mascarado e por isso mais chocante.

Na sua experiência, o canibalismo aos poucos perdeu a sua capacidade de chocar, por exemplo, quando Léry compreende que os indígenas, que passaram toda a noite de baixo da sua rede comendo os restos de um inimigo, devorado pouco antes de ele chegar àquela aldeia, ao oferecerem-lhe o seu manjar não estavam avisando-lhe que seria o próximo, mas estavam simplesmente cuidando dele, fazendo as ordens da hospedagem; confundindo as suas intenções, o francês passou por uma noite de pânico até tendo febre. Após a justificativa do comportamento, dá-se uma passagem do terror para o riso<sup>22</sup>, e consequentemente um abrandamento da posição do autor diante do canibalismo. Este que até aquele momento era inaceitável é exposto sem que o autor emita qualquer julgamento, tanto é que se seguimos a sua narrativa, ele passa após este episódio a narrar as leis de boas vindas entre os *Tupinambá*.

As boas vindas destes indígenas é expressada através de uma saudação de lágrimas, feita pelas mulheres da tribo, há nesta manifestação uma quebra de opostos em que o visitante é recebido entre lágrimas e lamúrias, demonstrando a boa receptividade que este é merecedor entre eles.

Como Léry fez o que Caillois chama a revolução sociológica a sua análise é conduzida sempre pela comparação. Assim, a hospitalidade dos *Tupinambá*, que a todos recebem com afeição verdadeira, é contraposta ao comportamento dos europeus que, segundo o autor, são exímios na arte da hipocrisia.

Podemos até mesmo dizer que esta hospitalidade é estendida aos prisioneiros de guerra<sup>23</sup>: eles são alimentados com as melhores carnes que se pode encontrar, entregam mulheres aos homens, que cuidam de todas as suas

<sup>21</sup> Girolamo Benzoni, *Histoire nouvelle du Nouveau Monde*, também retoma Gomara: “Eis o que eles pensam, e a conclusão a que chegaram: nós somos provindos do mar: e, portanto, eles nos chamam comumente, *Viracoché*: que quer dizer na sua língua, *espuma do mar*, dado que eles chamam ao mar *coché*, e a espuma *vira*: dizem que nós fomos engendrados da substância do mar, e alimentados de espuma: e que nós fomos postos na terra para destruir e arruinar todo o mundo”.

<sup>22</sup> Léry chega numa aldeia, chamada *Euramiri*, que os franceses chamavam *Goset*, ao anoitecer, momento em que os indígenas dançavam e bebiam *caouim* de um prisioneiro. Quando chegou, as mulheres imediatamente vieram fazer-lhe a saudação chorosa, e o mestre da aldeia fazer o discurso de boas vindas. O seu acompanhante, o “língua”, foi misturar-se com os indígenas e deixou-o só, é quando se dá o acontecimento, um dos mais terríveis da permanência de Léry. Cf. Cap. XVIII, pág. 453.

<sup>23</sup> Léry dedica o capítulo XV: *Comment les Ameriquains traittent leurs prisonniers prins en guerre, et les ceremonies qui ils observent tant à les tuer qu'à les manger* a esta matéria.

necessidades; e mais, diante de muitos convidados, homens, mulheres e crianças, chegados de todos os lugares, onde eles mantém laços de parentesco ou de amizade, especialmente para a ocasião, que é de dança, *caouinagem* e canto, durante meio dia, o condenado mesmo sabendo o que o aguarda, salta, bebe e canta prazerosamente, como se fosse o mais feliz de todos os presentes.

O riso, a *caouinagem*, a dança são amplamente mostrados no decorrer da obra: por exemplo, quando os indígenas mostram os pedaços de Antônio sobre o fumeiro, e exibem a sua cabeça aos franceses, que tinham a intenção de tirá-lo dos *Tupinambá*, e que falharam nesta empresa, em meio a “grande risada”. Estas atitudes deixam horrorizados os franceses reformados do Forte Coligny, entretanto, Léry, por mais de uma vez, afirma que a barbárie dos usurários europeus, que sugam o sangue e comem a moela, portanto comem vivos os que eles podem, não respeitando as viúvas nem os órfãos e outras pobres pessoas, que seria melhor cortar a garganta de um golpe, é maior do que a dos “selvagens” americanos<sup>24</sup>.

Entretanto, a aceitação da barbárie *Tupinambá* esbarra em seus limites: mesmo registrando aceitação e até chegando a admitir a possibilidade de comer um dos seus companheiros, quando este e os demais que empreendiam a viagem de regresso à França são vitimados pela fome, Léry retoma o horror inicial que lhe provocou a antropofagia, embora veja o ato antropofágico como um ato simbólico<sup>25</sup>, mas vendo-o também como a emanção de uma inspiração demoníaca que é necessário exorcizar a toda força.

Se Léry viu este ato sob esta perspectiva ele também viu-se como o libertador dos pobres selvagens, sem embargo, abre-se o abismo entre este e o *outro*, pois se Léry vê o ritual antropofágico ou a “grande risada” como uma inspiração demoníaca, que é necessário exorcizar, os selvagens riem da sua pretensão libertadora. A *Histoire* é rica em exemplos desta afirmação – a índia que recusa-se a receber a religião cristã, e que rindo de Léry morre da maneira habitual dada ao inimigo.

Em última instância, impossível se torna a conversão do europeu à vida selvagem e do selvagem à vida européia, todavia, é necessário lembrar que alguns europeus converteram-se à vida selvagem, inclusive participando dos rituais antropofágicos e mantendo relações íntimas com as mulheres ameríndias, proibidos no forte Coligny. De qualquer forma, é impossível para o cristão reformado semelhante adesão, e, na mesma medida, o mesmo para o selvagem, e o abismo se mantém irremovível, não havendo redutibilidade entre o *eu* e o *outro*.

Muitos escreveram sobre os *Tupinambá*, inclusive a *Histoire*, que foi ampliada no decorrer das suas seguintes edições, quando o autor ainda esteve em vida, é rica em referências, inclusive ela pontua a diferença entre esta e a obra de Thevet, aceita explicações e justificativas de Gomara, apesar de este falar de um povo apenas vizinho do povo *Tupinambá*, vê pontos em comum entre o que escreveu e o que escreveu Hans Staden, escrito que conheceu após a conclusão do seu trabalho, entretanto, Lestringant diz que a mistura que faz Léry do lirismo e da suspeita à respeito dos selvagens permite que o seu livro tenha um tom inédito. Léry inventa um olhar. Ele descobre no índio nu e antropófago, na espécie do *Toupinambaout* do litoral brasileiro, uma alteridade desconhecida e no mesmo tanto fascinante. A consciência de Léry experimenta no reencontro de uma humanidade nova, saída intacta em aparência do seio da natureza, mas desde já comprometida pela maldição do pecado original.

Enfim, Lestringant situa o riso *Tupinambá* como aquele que coloca uma opacidade definitiva ao observador. Como o representante da resistência do objecto à penetração do sujeito e à análise. Ele põe uma questão que perpassa a vida e a obra do autor, pondo uma questão ao próprio sujeito.

A obra de Léry conduz à reflexão sobre as mudanças que a chegada à América provocou nos dois mundos, por exemplo, as discussões acirradas sobre a Eucaristia, no Forte Coligny, acendida na Europa pela Reforma. Sem deixar de referir, dado ao seu estilo “ingênuo” e mais ainda, à paixão comunicativa pelo Brasil e seus habitantes naturais, esta obra é o primeiro ensaio de antropologia digno deste nome, publicado em França.

Os temas mais discutidos em França e na Europa são referidos nesta obra sobre os selvagens brasileiros, as grandes questões da Renascença Européia são transportadas para o Novo Mundo como demonstram as obras de Léry, de Bartolomé de las Casas, de Hans Staden, Gomara, Colón dentre outros, como se o Novo Mundo fosse um grande laboratório. E como não poderia deixar de ser, pois estamos mergulhados neste contexto, Léry faz uma exposição da religiosidade *Tupinambá*, no capítulo XVI (*Ce qu'on peut appeler religion entre les sauvages*

<sup>24</sup> Jean de Léry, *op. cit.* pág. 375.

<sup>25</sup> Léry descreve no capítulo XV o procedimento ritualístico antropofágico e chega à conclusão de que este é praticado mais por um ato de vingança do que pelo prazer de saborear a carne humana, todavia, ele aponta como exceção o comportamento das mulheres velhas, que são gulosas, e que comem pelo prazer de saborear a carne humana, pág. 366.

*Ameriquains: des erreurs, où certains abuseurs qu'ils ont entr'eux, nommez caribes les detiennent: et de la grande ignorance de Dieu où ils sont plongez*), um título que já indica por si só uma certa hesitação de Léry em aceitar como religiosidade os rituais promovidos pelos *Caraibes*. Este capítulo é iniciado com a afirmação de que não existe povo tão brutal, nação tão bárbara e selvagem que não tenha o sentimento de que existe alguma divindade – sentença tomada de Cícero, e lugar comum neste período – entretanto, este autor diz que quando considerado de perto os *Toüpinamboult* esta verdade é destruída, pois em primeiro lugar, eles não tinham nenhum conhecimento do único e verdadeiro Deus, e, em segundo lugar, eles não tinham o costume de todos os antigos pagãos, que tinham uma pluralidade de deuses<sup>26</sup>; e nem o costume dos idólatras, como chama Léry aos povos do Peru que, próximos a eles, adoravam o Sol e a Lua, e a estes ofereciam sacrifícios. Entre os *Tupinambá* não havia nenhum lugar em que estes realizassem cultos tanto em público quanto em privado. Além do mais, este povo ignorava a criação do mundo, não distinguia, de maneira nenhuma os dias por nomes; não numeravam os meses ou os anos, apenas nomeavam e retinham o tempo pelas Luas.

Quanto à escrita, determinante para o mundo ocidental, e importantíssima para o protestantismo, tendo em vista que este centraliza-se na relação direta e imediata da leitura pessoal do crente à Palavra depositada no livro santo, ao contrário do católico que admite a mediação conjunta do corpo eclesástico e da tradição evangélica, Léry notifica que este povo não a conhece, seja ela santa ou profana, e que não têm nenhum caractere para significar qualquer coisa<sup>27</sup>. Por esta via, é enfatizada a superioridade do povo situado na Europa, digna de louvor a Deus, que concedeu-lhes este dom, assim como da África e Ásia, que têm a vantagem de comunicar-se através deste instrumento e não só através da oralidade, e podem, também, ter acesso a toda a ciência contida nos livros.

Não tendo o conhecimento da escrita este povo não poderia conhecer Deus e nem também qualquer coisa saber da origem do mundo, assim, quando Léry em suas pregações falava sobre o criador do Céu, da Terra e de todas as coisas, a reação dos indígenas era de assombro. Aproveitando-se de *Toupan*, o trovão, força desconhecida que os aterrorizava, para apontar nele uma manifestação da grandiosidade e poder de Deus eles caíam em desespero, sendo fracassada, portanto, qualquer tentativa de evangelização.

Mas, neste povo, envolvido em trevas, Léry viu, ainda, alguma centelha de luz que ele relatou como se esta representasse uma possibilidade de salvação: em primeiro lugar, este povo acreditava na imortalidade da alma, acreditava que aqueles que viveram virtuosamente, ou seja, os que comeram muitos inimigos, após a morte dos seus corpos, iriam habitar as altas montanhas, onde dançariam em belos jardins com os seus avós<sup>28</sup>; e aqueles que não viveram virtuosamente iriam com *Aygnam*, como eles chamavam o diabo. O Diabo ou *Kaagerre*, outra maneira de ser nomeado, aterrorizava-os constantemente, eles o viam em forma de animal ou de pássaro, que mostravam aos franceses, que, claro não viam-no pois estavam protegidos por Deus, proteção que não tinham os selvagens pois esta implicava na conversão ao protestantismo. Enquanto se viam atormentados pelo espírito maligno buscavam os discursos dos franceses, após o perigo voltavam a ter o mesmo comportamento.

Além da crença na imortalidade da alma, este povo acreditava na ressurreição do corpo, idéia também encontrada pelos espanhóis, nos povos vizinhos. Enfim, a comprovação destas crenças entre os ameríndios iria fortalecer as discussões travadas na Europa, inclusive contra os ateístas.

Contra os ateístas, Léry diz que os *Tupinambá* não acreditavam em Deus, mas, pelo menos acreditavam no Diabo, que vinha-lhes atormentar. Esta era uma resposta aos argumentos que afirmavam não existirem diabos senão as más afecções dos homens. Léry vai alinhar-se àqueles que na Europa impetraram uma grande perseguição às bruxas, as quais compara às mulheres *Tupinambá*. Montaigne, mais tarde iria combater esta postura de Léry, defendendo a tese da afecção somática.

<sup>26</sup> Esta afirmação de Léry, impossível antes dele, é de uma importância fundamental para o futuro da Antropologia Religiosa, ela permitiu a Locke elaborar a tese da existência de povos ateus.

<sup>27</sup> A escrita, considerada por Léry, é tomada numa dupla acepção: de uma parte, é uma técnica de registro do pensamento que permite comunicar à distância, à despeito do intervalo dos lugares e dos séculos. Mas, é também a mensagem transmitida por Deus à humanidade nos livros sagrados da Bíblia, escrita sob a inspiração do espírito. Logo, o fato de os indígenas não conhecerem este instrumento, põe de imediato a questão de se saber se este povo pode ter acesso à Verdade que a Bíblia é depositária?

<sup>28</sup> A *Terra sem Mal* é tema abundante na literatura sobre estes americanos. Esta *Terra* é um lugar de abundância e de felicidade, prometida após a morte aos guerreiros valorosos, mas igualmente permitida aos vivos, ao final de grandes migrações. É para essas terras improváveis, situadas atrás das altas montanhas, que os Messias indígenas conduziam tribos inteiras em êxodos prolongados.

Em segundo lugar, diz que os ateístas, ao negarem todos os princípios são de todo indignos, são de todo indignos quando negam as Santas Escrituras, no que diz respeito à imortalidade da alma. Para combatê-los, são trazidos os selvagens brasileiros, que mesmo sendo um povo envolto na mais tenebrosa escuridão, podem mostrar-lhes que não há no homem somente um espírito que não morre com o corpo, mas também, que mesmo estando separado deste, está sujeito à felicidade eterna ou à infelicidade eterna.

Em terceiro lugar, em forma de maldição, Léry opõe aos ateístas a crença dos selvagens americanos brasileiros e peruanos na ressurreição da carne, uma crença provinda do seu mais puro sentimento de natureza.

O capítulo dedicado à religião *Tupinambá* é carregado de indecisões e de uma grande simpatia, marca registrada do conflito de um crente com um povo que não consegue definir com precisão. Todavia, no momento em que os selvagens admitem *Toupan* como divindade, para Léry este povo não pode ser desculpado, pois não ter a crença no Deus Verdadeiro, quando a criatura vê diretamente a coisa criada é produto da sua malícia, e por isso, para este povo não pode haver desculpa.

Mas, o fato de neles existir, produzido pelo mais puro sentimento da natureza, a crença na imortalidade da alma, de sofrerem as perseguições do diabo, só pode ser o indicativo de que há neles uma semente de religiosidade, que germina e que não pode estar apagada.

As crenças *tupinambás* são alimentadas pelos *caribes*, peregrinos, que andam de povoações em povoações, fazendo acreditar que comunicam-se com os espíritos, e que por esse motivo podem não somente dar a força que lhes é necessária para vencer o inimigo e subjugá-lo, quando vão à guerra, mas também para fazer crescer as grossas raízes e os frutos que emergem espontaneamente da terra.

Estes peregrinos indígenas de três em três ou de quatro em quatro anos, visitavam as aldeias. A sua chegada era esperada com grande ansiedade, eram armazenadas carne da melhor qualidade, envergadas as melhores plumarias, *maracás* novos eram fabricados, grande quantidade de *caouim* era preparado. Nesta ocasião, os selvagens reuniam-se em grande solenidade para recebê-los. Léry teve a oportunidade de estar presente numa destas visitas, e teve também, de acordo com Michel de Certeau, em *L'écriture de l'histoire*, de inaugurar um "erotismo etnológico", ao fazer, na cobertura da oca onde estava, das mulheres<sup>29</sup>, uma abertura que permitiu-lhe, furtivamente, entrar na oca dos homens, para assistir de perto o ritual. Desta ousadia do autor, resultou que, pela primeira vez, a Europa teve a descrição clara deste ritual. A Europa viu com imensurável transparência o sagrado fundir-se no profano e tornarem-se *um* na sua antagônia.

Neste ritual, a maior encenação cabe aos homens, não obstante, as mulheres têm a sua participação excitando os homens através da repetição das palavras de encorajamento. O seu comportamento nestes momentos levou Léry a vê-las como possessoras, e por isso merecedoras do mesmo castigo dado às bruxas na Europa.

Os indígenas cantam no decorrer de toda a solenidade, e também dançam uns ao lado dos outros, sem tocarem-se, ou se deslocarem do seu lugar, em círculo, curvados para a frente, conduzindo o corpo, mexendo apenas a perna e o pé direito, cada um tendo a mão direita sobre a nádega, e o braço e a mão esquerda pendentes.

Os *caribes*, ricamente vestidos, cabeça adornada, braceletes de plumas naturais simples e coloridas, em cada mão um *maracá*, utilizado como porta-voz dos espíritos, que soavam a todo instante, saltando, avançando, recuando, com uma cana de madeira cheia de *petun*, seca e acesa, sopravam fumaça de todas as partes sobre os selvagens, dizendo: " a fim de que vocês subjuguem os inimigos, recebais o espírito da força!"

Esta cerimônia durava aproximadamente duas horas, tempo em que os quinhentos ou seiscentos homens reunidos não cessavam de dançar e cantar, segundo Léry, uma belíssima melodia, que ficou-lhe nos ouvidos, para sempre. Nesta canção, os indígenas lamentavam a partida dos seus avós; ameaçavam os *Ouétacas*, nação selvagem que eles não conseguiam dominar; faziam menção a um dilúvio, no qual as águas tomaram conta da terra. À lamentação, os indígenas são consolados com a promessa de que após a morte se reencontrariam, atrás das altas montanhas, onde dançariam juntos, para sempre; ao desejo de vencer os inimigos, eram convencidos de que logo

---

<sup>29</sup> Os homens, as mulheres, e as crianças são reunidas em grupos separados. Concluída esta tarefa, ouve-se, em primeiro lugar, uma voz baixa, como um murmúrio, que vai se elevando; em segundo lugar, este murmúrio alcança o timbre de um canto, marcado por palavras de encorajamento - *He, he, he!* -; em terceiro lugar, as mulheres ao ouvirem estas palavras, repetem-nas aos gritos, por cerca de quinze minutos, gritando, saltando com grande violência, sacudindo os seios, espumando pela boca, algumas chegam a desmaiar, o que levou Léry a acreditar que o diabo tivesse se apossado de seus corpos.

esta vontade seria satisfeita e aqueles seriam comidos; quanto ao dilúvio, este relembra que seus avós foram salvos, porque subiram na copa das árvores. Desta crença, Léry diz que estes selvagens, estando destituído de todo o conhecimento possibilitado pela escrita, retiveram as coisas em estado puro, e no meio destas a fábula também defendida pelos poetas.<sup>30</sup>

A dança, o canto, o riso, a *caouinagem* eram naturais entre os *Tupinambás*, faziam parte do seu dia a dia, mesmo quando entre eles acontecia de um cair doente, esta vida ordinária não era alterada. Entretanto, se o doente morria, e quando era algum bom pai de família, a cantoria cedia lugar, repentinamente, às lágrimas, eles lamentavam de tal maneira que não havia sossego. Este lamento, provinha essencialmente das mulheres, que lamentavam tão forte e tão alto, que mais pareciam lamentos de cães ou de lobos, segundo Léry. Nas suas lamentações, elas diziam:

*Ele morreu [diziam umas arrastando a voz] aquele que era tão valente, e que tantos prisioneiros nos fez comer. Após, outras continuavam no mesmo tom: aquele que era um bom caçador e um excelente pescador. Foi o bravo matador de Português e de Margajás, dos quais ele bem nos fez vingados, diziam outras.*

E assim, neste desfilar de lamúrias elas prosseguiram até que todos os feitos do morto fossem lembrados<sup>31</sup>. Ao lamento das mulheres os homens respondiam:

*Eis, é verdade, nós não o veremos mais até que estejamos atrás das montanhas, onde, como nos ensinam os caribes, nós dançaremos com ele.*

Nestas lamentações é reforçada a crença nos *caribes* que a evangelização tão cedo não conseguiram expulsar do sentimento deste povo: a crença na imortalidade da alma, o homem virtuoso, como aquele que mais inimigos houvesse matado, na *Terra se mal*, que arrastava quantidade imensas de selvagens, ficando pelas estradas de árvores à mercê da fome, dos inimigos e conduzidos por uma crença e pelo desejo de, para sempre, rir, enfeitar-se, andar nu, dançar, cantar e *caouinar*.

*Assim é, assim nos contaram nossos avós.*

#### BIBLIOGRAFIA

- CAMINHA, Pero Vaz de, Carta, in *La découverte du Brésil* (les premiers témoignages choisis & présenté par Ilda Mendes dos Santos (1500-1530) Paris : Éditions Chandeigne, 2000.
- COLÓN, Cristóbal, *Los quatro viajes. Testamento*. Edición de Consuelo Varela. Madrid: Alianza Editorial. El libro de bolsillo, 1996.
- COUTO, Jorge, *A construção do Brasil* (ameríndios, portugueses e africanos, do início do povoamento a finais de quinhentos). Lisboa: Edições Cosmos, Cosmos História, 11, 1995.
- FOUCAULT, Michel, *Les mots et les choses* (une archéologie des sciences humaines). Paris : Gallimard, Collection Tell, 1966.
- KOYRÉ, Alexandre, *Del mundo cerrado al universo infinito*. Siglo Veintiuno Editores S.A., 1979.
- LÉRY, Jean de, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, Texte Établi, Présenté et Annoté par Frank Lestringant. Précédé d'un entretien avec Claude Lévi-Strauss. Ouvrage publié avec le concours du Centre National du Livre.
- LÉVI-STRAUSS, Claude, *Tristes tropiques*. Paris : Pion.
- MONTAIGNE, Michel, *Ensaíos, I*. Tradução de Sérgio Milliet, precedido de Montaigne- o homem e a obra, de Pierre Moreau. 2ª ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília: HUCITEC, 1987.
- SOUZA, Gabriel Soares de, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP, 1971.
- STADEN, Hans, *Nus, féroces et anthropophages*. Traduit de l'anglais par Henri Ternaux Compans. Paris : A.M. Metaillé, 1979.
- TODOROV, Tzvetan, *La conquete de l'Amérique* ; la question de l'autre. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

---

<sup>30</sup> A fábula poética se opõe à Escritura como a ficção agradável e ilusória à verdade. Léry utiliza esta comparação para sustentar o argumento de que por trás da ilusão se fecha uma verdade insuspeita, mesmo daqueles que a compuseram e transmitiram estes recitos de aparência fabulosa.

<sup>31</sup> Léry mostra estes momentos em *Le deuil Tupinambá*, cap. XIX, pág. 471.